

'Oposição tem mais chance dividida'

Ideólogo do PDT diz que é preciso evitar a polarização que elites querem entre Lula e FH

ENTREVISTA

Mangabeira Unger

• SÃO PAULO. Um dos principais estrategistas da candidatura de Ciro Gomes à Presidência é um pedetista: o filósofo, jurista e político Roberto Mangabeira Unger. Ele se licenciou de um posto cobiçado — o de professor titular da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos — para trabalhar no programa de campanha de Ciro. Para Mangabeira, uma candidatura única das oposições, lançada pelo PT, tem menos chances de derrotar o presidente Fernando Henrique Cardoso do que duas candidaturas, a do PT e a de Ciro. Segundo ele, Ciro pode transformar em votos na oposição o descontentamento da classe média com o imobilismo do Governo, provocado pela contradição entre o discurso presidencial e a natureza da base parlamentar.

Aziz Filho

O GLOBO: Como o senhor classifica o Governo Fernando Henrique Cardoso?

MANGABEIRA: Costumam dizer que o presidente acredita no neoliberalismo. Não concordo. O Brasil é governado por homens que não acreditam em nada, só querem estar na crista da onda. Perderam a fé que tinham e não a substituíram por outra. O projeto econômico é o de adaptar a estrutura brasileira às regras do jogo mundial, em vez de aproveitar a mudança mundial para transformar a estrutura interna. A sustentação do presidente é uma aliança da burguesia financeira cosmopolita de São Paulo com a oligarquia do Nordeste, relembrando o conluio de interesses financeiros, agrários e clientelistas do Brasil do século XIX.

• Mas as pesquisas não indicam que a população seja tão crítica.

MANGABEIRA: O Governo tem dois flancos que expõem. Em primeiro lugar, a estabilidade da moeda, a única base de sua popularidade, repousando sobre três expedientes criados como provisórios: a âncora cambial, a política de juros altíssimos e o arrocho. Para mudar, teria que aumentar a receita, mas isso é incompatível com a base governista. Apesar de falar em ajuste fiscal, não pode fazê-lo por causa de sua base. O impasse impede um projeto de desenvolvimento. O segundo problema é que, devido à base atrasada, o Governo não pode

Luiz Carlos Santos



MANGABEIRA: "É possível derrotar o Governo em 98"

promover mudanças jurídicas e morais que sobretudo a classe média quer. O fim da impunidade e a substituição do pistolão e do nepotismo pela promoção por mérito se choca com o perfil da aliança oficial. Por isso é possível derrotar o Governo.

• A oposição não precisa se unir para 1998?

MANGABEIRA: Não. Ela tem de trabalhar com três hipóteses. Uma é Lula como candidato principal, mas não único. Seria apoiado por partidos pequenos, mas não por todos devido às dificuldades do PT de fazer acordos regionais com PDT e PSB. Isso levaria à reeleição do presidente. O segundo cenário é um candidato único das esquerdas e dos dissidentes de centro. O único nome para isso seria o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB), por inspirar confiança em todos os partidos. Seria um ótimo cenário, mas implausível porque o PT não abre mão da cabeça de chapa. A terceira hipótese é se ter dois grandes candidatos: um petista, seja Lula ou Tarso Genro, e outro de fora do PT, Ciro. É plausível e pode levar à vitória. Haveria uma convergência no segundo turno.

• Por que Lula não pode ser viável?

MANGABEIRA: Já disse a Lula que ele é um mau candidato. Começa alto, mas há um teto imposto pela classe média refratária e pelo povão que ela influencia. Hoje o descontentamento da classe média é que pode se espalhar pelo povão, e não o contrário. Uma candidatura de oposição precisa desmascarar o presidente e mostrar quem ele é. Não creio que Lula cumpra este papel. O candidato de oposição deve desempenhar três funções: ter um perfil alternativo que não se limite à defesa nostálgica do setor público e do corporativismo; potencializar a inconformidade da classe média com os limites do Governo neocolonialista; e desmascarar não só a situação mas também a pessoa do presidente. Ciro é equipado para as três funções. E seu lançamento atrairá partidos como o PDT, numa resposta à impossibilidade de acordos com o PT.

• Ciro teria uma proposta mais sedutora do que a de manter o Real?

MANGABEIRA: O candidato do centro rebelado e da esquerda não guiada pelo PT teria diretrizes. A primeira, refundar a estabilidade sobre o aumento da receita. Precisamos de um desenvolvimentismo que não seja mero juscelinismo, por não se dirigir só à vanguarda organizada e capitalizada, mas sobretudo à retaguarda. Outra diretriz é acelerar a democracia com a reforma do presidencialismo e um choque libertário da vida social. Há um presidente eleito com propostas de reformas e uma minoria conservadora encastelada no Congresso. Uma idéia é que o presidente ou o Congresso possa convocar eleições diante de impasses.

• A candidatura Ciro não parece aventureira, por ser iniciativa pessoal e não de um partido?

MANGABEIRA: Os inimigos dizem que ele é um novo Collor, o que revela um ponto forte. Collor, que se revelou um embusteiro, aproveitou a lacuna na classe média como líder anti-oligárquico que não se confunde com a esquerda tradicional e interesses corporativos. Ciro pode desmascarar Fernando Henrique sem a preocupação de moderar a linguagem para parecer cavalheiro. Aí, tem semelhança com Brizola. São dois audaciosos num país de realistas. É bom que as elites pensem que Fernando Henrique já ganhou. Ciro tem que começar como um David contra Golias. Há um descontentamento sem voz, agente, liderança. A idéia de que a vitória de Fernando Henrique são favas contadas tem como pressuposto a polarização preparada entre ele e Lula. Só que isso não pode ocorrer.